

“TECENDO REDES”

Uma história de desenvolvimento comunitário no Grande Eldorado, Diadema.

Este texto foi escrito por Jonathan Hannay¹ e apresentado como trabalho de conclusão da segunda edição do programa Profissão Desenvolvimento, realizado pelo Instituto Fonte pelo Desenvolvimento Social – www.fonte.org.br. Contatos com o autor podem ser enviados para jonathan@acerbrasil.org.br.

Contextualização:

Por se tratar de um tema tão grande e em foco nas grandes discussões sobre desenvolvimento, primeiro preciso localizar o leitor no mapa do meu entendimento, bem como no mapa geográfico da região que descrevo. Quando se fala do termo ‘comunidade’, existe uma multiplicidade de tamanhos e sentidos, por exemplo a Comunidade Européia, a comunidade do entorno em que vivemos, a comunidade do Orkut etc. No exemplo sobre o qual escreverei, estarei descrevendo um processo dentro de uma comunidade que é uma área geográfica dentro de um município numa grande metrópole.

A metrópole é a cidade de São Paulo, o Município é Diadema e o espaço desta comunidade que se foca economicamente em duas feiras livres – a de Eldorado aos domingos e a de Inamar às Quintas. Politicamente há seis regiões envolvidas nesta história, três em Diadema: Inamar, Eldorado e Vila Paulina; uma em São Paulo, a Mata Virgem; uma em São Bernardo do Campo, o Acampamento dos Engenheiros e uma dividida, o Sítio Joaninha. Assim sendo, a comunidade sobre qual escreverei é a Grande Eldorado.

O que há para descrever os contornos da nossa comunidade são alguns elementos: corresponde a uma região administrativa dentro do município de Diadema somada a partes de São Paulo e São Bernardo do Campo em que a população e a geografia compartilham fatores sócio-históricos e ambientais. A população mais velha é integralmente composta por migrantes e a quase a totalidade das crianças e jovens nasceu na cidade.

O território é quase totalmente dentro de uma área de manancial da represa Billings que, no entanto, apresenta uma densidade populacional extremamente grande (entre as maiores do país, chegando a cerca de 13.000 pessoas por km²). As habitações são irregulares e muitas vezes precárias. Ao longo dos anos setenta e oitenta quando se concentrou a maior parte da ocupação desta região, houve uma geração de lideranças comunitárias que lutaram e conseguiram serviços como água, energia, ruas e transporte público. No início da década de 1990 a Grande Eldorado era a região mais violenta do município mais violento do Estado de São Paulo: Diadema.

Estatísticas municipais de Diadema referente aos anos 2006 e 2007 anunciam que esta região é a segunda menos violenta. Mas a estatística que mais importa é que enquanto em

¹ Secretário Geral da Associação de Apoio à Criança em Risco – ACER (www.acerbrasil.org.br) e participante de PROFIDES II, Aldeia – Pernambuco 2007-2008.

2001 mais de metade dos jovens internos na FEBEM eram oriundos da Grande Eldorado, cinco anos mais tarde esta porcentagem tinha caído para menos de 17%².

A Associação de Apoio à Criança em Risco – ACER foi constituída em 1993 com a finalidade de trabalhar com crianças de rua do centro da cidade de São Paulo e reinseri-las num contexto familiar e comunitária. Foi uma obra do acaso que fez com que a ACER estabelecesse sua ‘casa de recuperação’ numa chácara em Eldorado, onde trabalhou durante quase sete anos exclusivamente com esta população e com números muito limitados de crianças e jovens.

Isso começou a mudar quando a comunidade requisitou o trabalho da ACER, então uma pequena organização, para crianças morando na comunidade que estavam à beira da sociedade e em vias de passar para uma vida na rua. Em 2001, abriu-se o primeiro espaço aberto à comunidade dentro do bairro, chegando a atender 520 crianças e jovens no final de 2002. Em 2003, a organização se mudou para o centro geográfico desta região e seguindo uma opção da Diretoria, deixou de trabalhar com a recuperação de crianças de rua. Após um processo de planejamento estratégico³, a ACER chegou a reformular a sua missão e passou a se entender como uma entidade da sociedade civil cuja finalidade é o desenvolvimento comunitário com um enfoque em serviços para crianças e jovens, reconhecendo a sua potencialidade como catalisadores de mudanças em longo prazo. Dentro deste contexto, a ACER vem militando também em nível municipal através de participação e liderança no Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente⁴ (CMDCA) e da Rede de Atenção à Criança e Adolescente de Diadema (RECAD).

A RECAD, foco central deste ensaio, tem suas raízes num grupo de técnicos de diversas secretarias e ONG’s que se juntavam informalmente para discutir casos em 1998. Sabendo de uma linha de financiamento para redes sociais aberta pelo BNDES, um grupo de pessoas de entidades e da Secretaria de Assistência Social e Cidadania (SASC), com a articulação do CMDCA, passou dois anos escrevendo e reescrevendo um projeto cuja aprovação em junho de 2004 culminou na criação formal da RECAD em agosto do mesmo ano. A RECAD aglomera todas as organizações da sociedade civil, regularmente inscritas no CMDCA e todos os programas governamentais que trabalham com a população infanto-juvenil na cidade numa rede formal que propõe formações e capacitações conjuntas, campanhas municipais e o estabelecimento de um banco de dados único juntando as informações sobre todas as famílias atendidas pela rede e também todos os atendimentos feitos.

Para dar início aos seus trabalhos efetivos, a SASC designou quatro funcionários para compor uma secretaria executiva da rede e foi convocada uma reunião com a presença dos gestores das organizações governamentais e da sociedade civil que trabalhavam com crianças e jovens no município. Nesta primeira reunião geral foi eleito um núcleo gestor com mandato de um ano, que estaria à frente da direção da rede no dia a dia sendo que o coletivo se reuniria quatro vezes por ano. Os primeiros itens na agenda do núcleo gestor foram a eleição de um

² Fonte: Diagnóstico Municipal da Criança e do Adolescente financiado pelo programa Amigo Real e que compreendeu o período de 01 de março de 2006 a 28 de fevereiro de 2007 para efeitos estatísticos.

³ Um grupo de 12 pessoas incluindo quatro jovens participou do processo entre setembro de 2004 e maio de 2005. Ele foi facilitado por Antonio Luiz de Paula e Silva e Arnaldo Alves da Motta, consultores do Instituto Fonte para o desenvolvimento social (www.fonte.org.br).

⁴ Em Diadema, a sociedade civil em eleição direta elege seis entidades para representá-la no CMDCA e a ACER é membro desde 1998. Desde 2005 há a participação efetiva de um grupo de jovens da ACER nas plenárias do Conselho junto com um educador e foi eleito Presidente da CMDCA duas vezes.

presidente e um secretário e a elaboração de um regimento interno. Fui eleito presidente e logo mergulhei neste novo desafio.

Após a elaboração do regimento interno, que levou mais ou menos um mês e meio de trabalho conjunto de todo o núcleo gestor, identificamos a necessidade de fazer um corpo-a-corpo junto ao governo municipal para que os órgãos do poder público passassem a legitimar a RECAD, tanto quanto as entidades sociais envolvidas no movimento. Também demos início ao que seria um ciclo de três anos de capacitações em vários níveis (educador, técnico, gestor), juntando pessoas das entidades sociais e dos programas governamentais, assim aproximando os dois setores como operadores de direito da criança e do adolescente.

Durante os nove meses seguintes, junto com a Secretária do Núcleo Gestor, Inês Maria, fiz reuniões com a maior parte dos Secretários municipais para apresentar a RECAD, informar sobre as capacitações e favorecer a liberação dos técnicos municipais de seus trabalhos do dia-a-dia, convidando-os a apoiar a Rede como uma política pública municipal de grande transversalidade entre setores e secretarias. Esta consolidação da sustentabilidade política da RECAD foi coroada quando o Prefeito de Diadema convocou uma reunião extraordinária de três horas de duração de todo seu secretariado e dirigentes das autarquias municipais para que pudéssemos apresentar a RECAD e receber seu apoio formal.

Ao longo dos dois anos seguintes, a RECAD focou seus esforços na execução de um grande contrato junto ao BNDES para a construção de uma sede e centro de treinamento e a implantação da rede eletrônica. Paralelas a isso foram realizadas muitas capacitações que requereram um grande trabalho organizacional. De agosto de 2005 a agosto de 2006 estive afastado do dia a dia da rede por estar na presidência do CMDCA, que é o órgão regulador da RECAD, voltando como membro do núcleo gestor em setembro de 2006. No primeiro trimestre de 2007, com uma maturação da Rede com um todo, analisamos que, apesar de ter a adesão de grande parte das organizações que trabalhavam com crianças no município, com efetivas participações nas reuniões trimestrais dos pólos da rede e nas capacitações, havia muitos operadores nos bairros que não conheciam a RECAD e, portanto, não se sentiam parte da mesma.

Esse fenômeno se dava porque no nível das Secretarias Municipais, como na da Saúde, por exemplo, não era possível envolver todas as assistentes sociais que trabalhavam nos postos em atendimento direto à população, e também havia entidades grandes com várias unidades prestadoras de serviços que não tinham consistência participativa dentro da sua própria organização. Além disso, reconhecemos o fato que havia muitos grupos e organizações comunitárias que trabalhavam com crianças de várias formas, mas muitas vezes não tinham natureza jurídica e outros registros legais, não podendo ser membros da RECAD. Por outro lado, efetivamente trabalham e são importantes atores na rede de garantia de direitos da criança e do adolescente. Levando tudo isso em consideração, decidimos empreender reuniões regionalizadas abertas ao maior número possível de participantes, no intuito de ganhar cada vez mais consistência em todo o município.

Dois membros do Núcleo Gestor (um do governo e um da sociedade civil) ficaram incumbidos de trabalhar cada uma das cinco regiões da cidade. Como a ACER atua na região sul da cidade, me candidatei para articular a área e Inês Maria, representante do Programa Fome Zero, se propôs a colaborar enquanto membro governamental. Isso foi importante porque Inês, que conhecera há dez anos na Vara da Infância no Fórum de Diadema, já havia trabalhado comigo antes – ela fora três vezes presidente do CMDCA, inclusive quando estive

na presidência da RECAD e foi a segunda presidente da RECAD quando eu passei a estar na presidência do CMDCA. Logo no início das conversas sobre como articular a região juntou-se a nós a Carolina, na época membro suplente do Núcleo Gestor da RECAD, que representa a Comunidade Inamar, entidade pioneira na região sendo que tem uma atuação contínua durante 35 anos e hoje tem 12 unidades de creches que são consideradas modelo no município.

RECAD Sul:

Apesar de estarmos iniciando a organização de uma rede que, de certa maneira, era nova e distinta da RECAD por estar mais ampla e menos formal, entendemos que era importante manter a vinculação direta à RECAD por ser uma articulação que nasce a partir do seu Núcleo Gestor e também por continuar focando em pessoas, grupos e organizações diretamente envolvidas no atendimento de crianças e adolescentes no município. Mesmo assim, a expectativa era de que uma vez articuladas as redes regionais, a soma delas seria muito maior do que a RECAD em si!

Quando Inês Maria, Carolina e eu nós reunimos para dar continuidade a esta proposta, demos conta que mesmo tendo muitos anos de trabalho na região, não conhecíamos todo mundo que trabalhava com crianças e adolescentes, especialmente considerando que a meta era ousada: juntar todos, não só aqueles que pertenciam a organizações formais. Sendo assim, levantamos uma lista de todas as organizações e movimentos na região que pudéssemos convidar: postos de saúde, escolinhas de futebol, escolas de samba, centros culturais, escolas estaduais e municipais, academias de capoeira, entre outros, e dividimos entre os três a tarefa de pessoalmente convidar pessoas dos grupos conhecidos pedindo também para estas pessoas trazerem outros que a gente não conhecia. Carolina ficou com as outras creches e as escolas para onde seguiam as crianças da creche e algumas entidades; Inês Maria convidou as pessoas da área da saúde e cultura, além de outros programas governamentais presentes na região.

A maior parte de convites ficou comigo em reconhecimento da capacidade de minha equipe e também o fato de que a ACER vinha se articulando há vários anos com as escolas e outras entidades especialmente as esportivas como parte do seu método de trabalhar na resgate da dignidade de crianças e jovens⁵. Definimos a estratégia do corpo a corpo por entendermos que um simples convite por escrito não seria adequado para atrair pessoas que tradicionalmente trabalhavam de uma forma bastante isolada e sem muita retaguarda. Além do mais, como a idéia era de confirmar participações, precisávamos estar prestes para oferecer esclarecimentos no momento do convite, além de poder realmente sentir qual era o nível de acolhimento à idéia.

A minha lista era muito extensa e mesmo conseguindo contar com todos os membros da coordenação da ACER, a tarefa se tornou Herculeana quando se via dentro do contexto das múltiplas demandas e de nosso limitado tempo no dia a dia. Além disso, por descobrirmos que às vezes um convite acabava levando a uma conversa de uma hora! Em geral, as pessoas com quem conversei eram muito receptivas à idéia de se juntar e conhecer outras que trabalhavam com as crianças da região e com quem muitas vezes tinham contatos esporádicos, mas não compreensivos. Apesar de as pessoas em geral estarem muito cheia de trabalho, a maioria se mostrou interessada em participar, especialmente depois de informar que o local do primeiro encontro seria na sede da Comunidade Inamar que é referência de qualidade e compromisso no bairro.

⁵ Parte da missão da ACER, que completa é “Resgatar a dignidade de crianças e jovens promovendo a transformação do meio social”.

Na segunda semana de maio, o dia tão esperado por Carolina, Inês Maria e eu, chegou. A cozinheira da Comunidade Inamar tinha se superado e havia uma mesa cheia de bolos, biscoitos e tortas com café e sucos de laranja e goiaba. Umas trinta cadeiras estavam organizadas no auditório em forma de círculo e a cena estava pronta para os atores contracenarem. Após meia hora, só havia oito pessoas! Decidimos começar mesmo assim e juntos fomos apresentando a história da RECAD e o que motivou a gente a articular esta reunião. Depois abrimos para cada pessoa se apresentar e falar para os outros sobre o trabalho que desenvolvia. Para quem estava, foram muitas descobertas: a assistente social do posto de saúde que trabalha no bairro há mais de dez anos demonstrou surpresa em saber dos trabalhos que existiam e mais ainda que as organizações estivessem de portas abertas para receber encaminhamentos dela; quem estava tomando notas assiduamente sobre tudo que os outros falavam parecia ter a intenção de usar as informações.

Fizemos uma roda de conversa no final para sentir dos participantes, o que achavam desta iniciativa e também se devíamos insistir na tentativa de estabelecer este fórum RECAD Sul. Para nós três, a decepção e as dúvidas sobre a viabilidade de articular este mini-rede estava aparente na baixíssima adesão nesta primeira reunião. Quem estava presente se dizia muito satisfeito com o convite e com a possibilidade de encontrar colegas de luta e manifestava o desejo de continuar se encontrando mensalmente. Explicamos que a nossa intenção era de fazer a reunião ambulante – cada mês num local diferente, até para fazer com que as pessoas conhecessem os equipamentos públicos (tanto governamentais, quanto das ONGs) na nossa região. Sendo assim, agendamos o próximo encontro para a tarde da terceira sexta-feira de junho na ACER.

Depois que as outras pessoas tinham saído, Carolina, Inês Maria e eu sentamos para avaliar a reunião. Mesmo com a resposta positiva de dar continuidade ao processo, todos nós sentimos muita decepção diante da distância entre a nossa expectativa de participação e a real participação – todos nós tínhamos investido muito para que a reunião acontecesse. Mas não adiantava ficar nos lamentando e passamos a analisar um pouco o que achávamos que tinha dado errado. Em primeiro lugar, relembramos que a RECAD tinha suas raízes num grupo de técnicos que se encontravam para discutir casos desde 1998, e que levou seis anos até que ela se constituísse formalmente e mais uns dois anos para ganhar consistência; tudo isso foi fruto de muito trabalho de muitas pessoas e com investimentos financeiros e de pessoal da prefeitura e entidades.

Com isso veio a percepção de que estes processos são lentos e muitas vezes vagarosos, sendo que dificilmente no início da caminhada temos claro até onde o trilho vai nos levar. Em tom de auto-crítica, todos reconhecemos que mesmo tendo investido muito tempo no processo de convidar, o esforço não tinha sido suficiente e de fato todos tinham deixado de convidar algumas pessoas na lista e que agora tínhamos ganhado mais um mês para continuar convidando e também para poder revisitar algumas pessoas e tentar entender porque não tinham vindo, mesmo que haviam verbalizado sua adesão na hora do convite.

Conversando sobre a receptividade das pessoas, levantamos dois pontos: todos se diziam sobrecarregados e falavam da dificuldade de se liberar para o encontro. Especialmente as escolas falavam que se interessavam, mas nunca sabiam se iam poder vir porque diretores e coordenadores rotineiramente eram convocados pela Secretaria Municipal ou pela Diretoria Estadual de Ensino a curtíssimo prazo.

Segundo, tínhamos decidido que a finalidade expressa do encontro seria de se encontrar com outros e que para ser um processo genuinamente participativo, teria que ser o coletivo que construísse mais significado e metas para os encontros da RECAD Sul. Entendemos isso depois como um ponto fraco no convite porque não ficava claro o que cada uma ganharia através da sua participação. Provavelmente algumas pessoas, apesar de terem aceitado o convite, depois não priorizaram o agendamento dentro do seu trabalho.

Para tentar dar conta da questão de tempo e agendas, decidimos que seria interessante propor na reunião seguinte que os encontros deveriam ter um horário e data estipulado todo mês e que tínhamos que ter disciplina em manter um teto de duas horas sempre iniciando na hora certa. Com relação ao segundo ponto, entendemos como algo que inicialmente podia afetar negativamente a quantidade de participantes, mas que era algo que não podíamos negociar se quiséssemos realmente propor uma construção verdadeiramente coletiva. Isso se deve ao entendimento de que a participação sustentada de pessoas e organizações em redes se dá quando o espaço de troca e compartilhamento pertence de forma igual a todos e onde as relações de fato não são hierárquicas. Um outro ponto que lembramos era a contextualização histórica, onde percebemos uma fragmentação muito grande na comunidade, sendo que uma das suas manifestações era o altíssimo nível de violência nos anos oitenta e na primeira metade dos anos noventa, onde aparentemente a experiência vivida de lutas coletivas e sentimento de vizinhança tinha sumido e só estava guardada na memória de algumas pessoas mais velhas.

Outra questão é de que algumas lideranças comunitárias de outros tempos tinham usado sua história de luta popular para ingressar numa vida política partidária onde, pelo sistema vigente, a ação principal é o clientelismo. Assim sendo, mais interessa a eles manter a comunidade mais fragmentada do que mobilizada por idéias coletivas, onde o poder reside. Para conseguir conquistar estas pessoas para o nosso movimento, seria necessário conseguir mostrar como a sua participação valorizará suas idéias de tal forma que elas possam sentir que as suas visões individuais do mundo sejam igualmente acolhidas.

Outro grande desafio é a incorporação das escolas, especialmente as estaduais, por pertencerem a uma instância enorme que, apesar de ter diretorias regionais pelo Estado de São Paulo, continua como uma organização bastante centralizadora que pouco promove a autonomia das unidades escolares e a sua integração com as suas comunidades de entorno. Uma exemplificação recente disso em nossa comunidade foi quando uma equipe do Canal Futura veio para fazer uma reportagem sobre a atuação de ONGs em comunidades focando na sua sustentabilidade técnica, política e financeira, tendo a ACER como pauta. Queríamos filmar numa escola estadual e a coordenadora pedagógica levou um ofício à dirigente regional solicitando autorização, sendo que o projeto de parceria entre a escola e a ACER era bem conhecido por ela. A dirigente recusou receber o ofício e disse que não era com ela. Em seguida fiz contato com a diretoria de ensino e uma assessora informou que tinha que pegar autorização na Secretaria em São Paulo, sendo que não sabia informar com quem. Depois de um calvário na Secretaria, o repórter recebeu uma resposta à solicitação via e-mail dizendo “pode”.

Além disso, a experiência que tivemos com as escolas tem sido caracterizada por alguns fatores que parecem dificultar sua atuação efetiva como entidade promotora de desenvolvimento comunitário: há uma rotatividade muito grande de professores e, especialmente, diretores e coordenadores pedagógicos. Cada vez que trocados, há perda de conhecimento e entrosamento local. Em geral, os profissionais da escola não se enxergam

como parte da comunidade maior. Fala-se em comunidade escolar que consiste em corpo docente, pais e alunos, mas a missão continua sendo exclusivamente oferecer educação formal. As escolas na realidade têm pouca autonomia para desenvolver iniciativas inovadoras junto com a comunidade e tudo tem que subir para aprovação antes de implementar.

Epílogo

Fruto dos nossos esforços continuados, um mês depois, na segunda reunião havia mais de vinte pessoas presentes e muito significativamente tínhamos representantes do Campus da UNIFESP⁶, de uma escola estadual além de entidades formais, escola de samba, academia de capoeira, grupos do movimento hip-hop e várias instâncias governamentais.

Houve uma troca maior e pudemos sistematizar os encontros com dia e horário estabelecidos. Resultados aparentes foram vários: o grupo decidiu registrar todas as reuniões e procurar publicizar as informações. A Universidade está iniciando um projeto de iniciação científica com a escola estadual, além de abrir o campus para visitaçaõ para as crianças e jovens atendidas pelas entidades; e há outras iniciativas de parcerias incipientes.

As reuniões continuaram mensalmente durante o resto do ano, mas houve uma frequência muito irregular e temos consciência que neste ano de 2008 teremos um grande trabalho de articulação para retomar se formos conseguir consolidar a RECAD Sul como instância coletiva da comunidade organizada, tendo como resultado maior efetividade nos esforços individuais dos membros.

⁶ Universidade Federal do Estado de São Paulo